

EFEITOS DO ISOLAMENTO SOCIAL NA PANDEMIA DE COVID-19: OLHARES INTERGERACIONAIS

Rosamaria Rodrigues Garcia¹, Heloisa Milani², Luna Lemos de Aragão³, Beatriz Moraes e Silva⁴,

¹ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, (rosamaria.garcia@online.uscs.edu.br)

² Colégio USCS, (heloisamilani@uscsonline.com.br)

³ Colégio USCS (luna.aragao@uscsonline.com.br)

⁴ Colégio USCS (beatriz.silva5@uscsonline.com.br)

Resumo

Objetivos: identificar e registrar alterações trazidas pela pandemia de COVID-19 em adolescentes/jovens, adultos e idosos; bem como promover a elaboração de produtos audiovisuais e didáticos sobre os efeitos do isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19. **Método:** estudo transversal, exploratório, descritivo, de abordagem quantitativa. Foi selecionada uma amostra não probabilística com viés de conveniência. O instrumento de pesquisa foi aplicado eletronicamente e investigou dados sociodemográficos e repercussões psíquicas, laborais, sociais e familiares do isolamento social, sintomatologia dolorosa ou adversa ao isolamento social e utilização de mídias sociais durante a pandemia. **Resultados:** participaram 66 pessoas, sendo 54 mulheres (81,8%) e 12 homens (18,2%). Observou-se que 81,8% dos participantes referiram mudanças na relação familiar; 33 (50%) relataram presença de sintomas, como ganho de peso (30,3%); dores (24,2%); cefaleia (12,1%); diminuição do condicionamento físico (12,1%). Dentre os 44 participantes que exercem atividades laborais, 61,3% sentem falta do ambiente de trabalho e 63,6% estão trabalhando em home office. Dentre as alterações de comportamento, foram elencadas ansiedade (24,1%), irritabilidade ou impaciência (15,5%), estresse (12%), tristeza (10,3%), oscilação de humor (8,6%), desmotivação (6,9%), além de insônia, cansaço e alterações de personalidade. **Considerações Finais:** considerando que vivemos um tempo sem precedentes e que os adolescentes, jovens e adultos nunca vivenciaram tal situação, há que se registrar os fatos e os efeitos deletérios advindos da pandemia, visando estudos futuros aprofundados e estabelecimento de medidas preventivas diante de eventos futuros, bem como de medidas interventivas no tratamento dos efeitos deletérios, ainda que diante do fim da pandemia e do isolamento social.

Palavras-chave: COVID-19; Isolamento Social; Adaptação Psicológica; Estilo de Vida; Relação entre Gerações.

Área Temática: Inovações e Tecnologias no Enfrentamento à COVID-19.

Modalidade: Trabalho completo

1 INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 modificou abruptamente a sociedade contemporânea e escancarou as fragilidades dos sistemas políticos e econômicos vigentes nos diversos países do mundo. A propagação da nova classe do coronavírus, denominada síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), abalou as estruturas sociais e assolou desprevenida a população mundial, desde o final de 2019 (WANG et al., 2020).

A transmissão do coronavírus ao homem se dá por via aérea, através de gotículas expelidas por pessoas contaminadas, bem como no contato com secreções respiratórias dos pacientes, superfícies e objetos contaminados. O patógeno pode sobreviver por horas ou até dias em superfícies inertes, como metal, plástico, vidro, exigindo severas medidas de contingência. A infecção por coronavírus pode transcorrer de forma assintomática, ou pode cursar com sintomas de febre, tosse seca, fadiga, dor de cabeça, e com o agravamento do caso, os sintomas podem se especificar para redução do paladar e olfato, diarreia, falta de ar intensa, dores no corpo, pneumonia grave, que pode evoluir ao óbito (NUNES, et al., 2020).

Vários estudos mostram que idosos são mais suscetíveis a apresentarem sintomas de COVID-19, bem como maior comprometimento pulmonar, muitas vezes necessitando de internação em UTI, intubação e ventilação mecânica. Do mesmo modo, idosos e indivíduos com comorbidades, como diabetes, hipertensão e obesidade, podem ser mais afetados e potencialmente apresentar maior risco de doença grave e morte (SHAHID et al., 2020).

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2020) declarou a América do Sul como o novo epicentro da epidemia, sendo o Brasil o país mais afetado. A pandemia se instalou em larga escala no Brasil, também devido à sua extensão territorial, o que tem ocasionado diversas medidas preventivas nos estados, devido ao grande número de pessoas infectadas, tais como: medidas de proteção individual (lavagem das mãos, etiqueta para tosse, e cobertura facial), fechamento de comércio e serviços não essenciais, educação online, teleconferências, detecção de casos, isolamento, rastreamento de contato, quarentena, distanciamento social e bloqueio (SEVERO, GUIMARÃES e DELLARME LIN, 2021).

A expansão generalizada da epidemia de COVID-19 tem pressionado crescentemente a Organização Mundial da Saúde (OMS). Nesse contexto, foram adotadas várias estratégias para combater a pandemia, incluindo o aumento do financiamento para a OMS. No entanto, o aumento do financiamento por si só não facilita a jornada de trabalho dos profissionais de saúde (JEYABALADEVAN, 2020).

O cuidado aos pacientes infectados com COVID-19 pode ser dificultado pelo elevado número de pacientes que demandam assistência; pelo incremento da contaminação de

profissionais de saúde, o que provoca a redução de recursos humanos; falta de insumos e equipamentos de proteção individual nos serviços de saúde; falta de leitos, entre outros. O tratamento intensivo de pacientes gravemente enfermos na UTI necessita de recursos médicos substanciais (KHANNA et al., 2020).

Além desse caos, os hospitais brasileiros estão superlotados na maioria dos estados, assim como faltam leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), ventiladores mecânicos e respiradores. Em relação às estratégias adotadas no Brasil pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, foram inaugurados Hospitais de Campanha, novos equipamentos de saúde foram comprados, profissionais de saúde (técnicos, enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, entre outros) foram contratados, leitos ociosos foram desbloqueados em hospitais (enfermaria e UTI), bem como foram suspensas as cirurgias eletivas, de modo intermitente, conforme a taxa de ocupação dos leitos (CASTRO e PONTES, 2021).

A principal medida amplamente adotada no mundo e recomendada pelas autoridades sanitárias para conter a disseminação da pandemia foi o isolamento/distanciamento social (SPÓSITO, GUIMARÃES, 2020; SANTOS, BRANDÃO e ARAUJO, 2020).

As medidas de isolamento social causaram polêmicas no país, diante de autoridades que se mostraram céticas quanto à sua eficácia. No entanto, os principais meios de comunicação e a maior parte dos governantes aderiu às recomendações sanitárias, o que também ocorreu com boa parte da população, principalmente nos primeiros meses da pandemia, na intenção de se prevenir contra a infecção e contribuir na atenuação da curva de contágio (BEZERRA et al., 2020).

A maioria das cidades brasileiras sofreu drásticas transformações: as escolas e universidades foram fechadas; apenas os estabelecimentos comerciais essenciais, que prestam serviços de alimentação humana e animal e serviços de saúde permaneceram abertos; as aglomerações foram proibidas; foi estabelecido o uso obrigatório de máscara na rua e nos estabelecimentos; foi recomendado o distanciamento mínimo e a aferição de temperatura; alguns municípios implantaram barreiras sanitárias nas estradas para conter a disseminação da doença, entre outras medidas de contingência (OLIVEIRA, 2020b; BEZERRA et al., 2020).

Apesar de necessário, o isolamento social, chamado popularmente de quarentena, pode desencadear efeitos em diversos aspectos na vida de adolescentes, jovens e idosos. Tais efeitos podem ser benéficos ou deletérios, e neste caso, desencadear sequelas físicas, psíquicas, familiares e sociais. A identificação dos efeitos do isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19 nestes grupos etários pode favorecer a elaboração de medidas preventivas e/ou interventivas, bem como disparar estratégias de organização dos serviços públicos e privados

para acolher a população que vir a sofrer consequências tais efeitos deletérios.

Este estudo teve por objetivo identificar e registrar alterações trazidas pela pandemia de COVID-19 em adolescentes/jovens, adultos e idosos; bem como promover a elaboração de produtos audiovisuais e didáticos sobre os efeitos do isolamento social decorrentes da pandemia de COVID-19.

2 MÉTODO

Trata-se de estudo transversal, exploratório, descritivo, de abordagem quanti-qualitativa. Em virtude da pandemia de COVID-19 e da imposição das medidas restritivas e de isolamento social para combater a disseminação em massa da doença, este estudo foi delineado para que todas as etapas fossem realizadas de forma remota. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, sob parecer 4.749.633 e CAAE 44834621.0.0000.5510.

Foi selecionada uma amostra não probabilística com viés de conveniência e não houve delimitação de localização geográfica, em virtude do envio eletrônico do instrumento de pesquisa pelas redes sociais e aplicativos de mensagens de texto, ligações de áudio e vídeo (WhatsApp®, Facebook®, Instagram®, entre outros). A princípio, o envio eletrônico dos documentos se deu a partir dos contatos da pesquisadora e da publicação nas redes sociais, sendo então amplamente disseminado.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão para participação na pesquisa: adolescentes e/ou jovens com 14 anos ou mais, de ambos os gêneros, que possuíam autorização consentida por escrito dos pais ou responsáveis; pessoas com 18 anos ou mais, de ambos os gêneros; participantes que se enquadravam em uma das duas condições anteriores e que possuíam acesso a telefone móvel com internet e aplicativo de mensagem ou acesso às redes sociais; participantes que preenchiam os demais critérios de inclusão, mencionados anteriormente, e que aceitaram participar da pesquisa após leitura do Termo Eletrônico de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foi realizada a divulgação da pesquisa e o convite para participação dos sujeitos. Após o aceite e consentimento (e assentimento, quando fosse o caso) esclarecido, os participantes receberam o link do questionário online semiestruturado, ao qual informaram sobre comportamentos antes e durante a pandemia, especificamente no que concerne ao estilo de vida e atividades sociais.

O instrumento de pesquisa investigou dados sociodemográficos como gênero, faixa etária, situação laboral antes e durante a pandemia, atividades físicas e sociais realizadas antes e

durante a pandemia, repercussões psíquicas, laborais, sociais e familiares do isolamento social, sintomatologia dolorosa ou adversa ao isolamento social e utilização de mídias sociais durante a pandemia. O tempo estimado para preenchimento do questionário foi de 15 minutos.

Os dados quantitativos das entrevistas online foram tabulados pelo Google Forms®, obtendo-se a estatística descritiva, utilizando-se inferência percentual, cálculo de média e desvio padrão, por meio do software Microsoft Excel®. A partir dos resultados, foram elaborados vídeos sobre os efeitos do isolamento social dentre os participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o envio do convite eletrônico e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entre fevereiro de 2021 e abril de 2021, responderam ao questionário 66 pessoas, sendo 54 mulheres (81,8%) e 12 homens (18,2%). Houve maior prevalência da faixa etária de 19 a 25 anos (25,8%), seguida da faixa de 14 a 18 anos (21,2%), 36 a 45 anos (16,7%), 60 anos ou mais (15,1%), 46 a 59 anos (12,1%) e 26 a 35 anos (9,1%).

Considerando a ocupação, 39,4% afirmaram que estudam e trabalham; 27,3% são apenas estudantes; 22,7% são apenas trabalhadores; 9,1% são aposentados e um participante afirmou que está desempregado (1,5%).

A interrupção das atividades trabalhos não essenciais, como bares, restaurantes, confecções e lojas de vestuário, lojas de utilidades, entre outras, afetou muitas pessoas, como os pequenos empreendedores, repercutindo na vida de suas famílias e na incapacidade de prover as necessidades básicas (PNAD, 2021). Alguns trabalhadores tiveram a ajuda do auxílio emergencial, mas 18 milhões de pessoas com renda de até um salário mínimo não contaram com esse auxílio (FGV, 2021). Ainda que no presente estudo, a porcentagem de desempregados foi baixa, há que se considerar que quase um terço da amostra (27,3%) apenas estudam, e portanto, dependem de outros familiares que trabalhem e que podem ter perdido seus empregos, causando transtornos financeiros e endividamento.

Quanto às mudanças desencadeadas pelo isolamento social decretado em virtude da pandemia de COVID-19, observou-se que 81,8% dos participantes referiram mudanças na relação familiar, destacando-se em ordem decrescente: presença de sentimentos de ansiedade, irritação e estresse entre os membros da família; maior proximidade entre os membros da família; piora nas relações familiares, gerando atritos, conflitos e brigas; maior convivência; melhora nas relações familiares; distanciamento dos parentes que moram em outras cidades, com impossibilidade de visitá-los; alteração na forma de comunicação entre os membros que não residem na mesma casa; entre outras.

Devido ao isolamento social, para manter o contato e a comunicação com familiares, amigos e colegas de trabalho, houve incremento do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), de aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo para smartphones, plataformas para videoconferências, correio eletrônico, entre outros. O aplicativo gratuito mais utilizado para comunicação com familiares foi o WhatsApp (69,7% dos participantes), seja por meio de mensagens escritas, gravações de áudios ou ligações de vídeos.

As ligações telefônicas de celulares foram utilizadas por 31,8% dos participantes para contato com familiares; 13,6% conversam pessoalmente com seus familiares, considerando aqueles que dividem o mesmo espaço domiciliar; 16,6% comunicam-se com seus familiares também por meio das plataformas de videoconferências. Vale ressaltar que os participantes elencaram várias formas pelos quais se comunicam com seus familiares.

Apesar de toda população estar susceptível ao novo coronavírus, há indivíduos com características que os enquadram nos grupos de risco, como os idosos. A maior prevalência de comorbidades nesta faixa etária, como hipertensão arterial sistêmica, diabetes, problemas renais, entre outros, os torna um grupo de alta vulnerabilidade, em que a doença comporta-se com maior letalidade (NUNES et al., 2020). Observou-se que cerca de 15% dos participantes do presente estudo são idosos, ressaltando-se a importância da familiaridade do idoso na utilização das tecnologias digitais para facilitar o processo de comunicação entre os idosos e suas famílias, bem como no acesso de aplicativos e sites para solicitar serviços de compra e entrega pela internet, atendimento em telemedicina, atividades de entretenimento, e uso das redes sociais.

Com relação ao trabalho, dentre os 44 participantes que exercem atividades laborais, 61,3% referiram que sentem falta do ambiente de trabalho e 63,6% estão trabalhando em sistema de home office, muitas vezes dividindo os espaços físicos com os demais membros da família. Pelo contrário, 29,5% dos trabalhadores estão exercendo suas atividades presencialmente.

Bezerra et al. (2020) analisaram os resultados de 16.440 entrevistas realizadas em abril de 2020, por meio de questionário divulgado nas redes sociais e constataram maioria de mulheres (61%), corroborando o predomínio de mulheres encontrado no presente estudo. A média de idade foi de 41 anos, com renda entre 5 ou mais salários mínimos (36%), com pós-graduação (54%). Dentre os respondentes, 32% encontravam-se em isolamento total, ou seja, não saíam de casa; 57% estavam em isolamento parcial, saindo de casa apenas para comprar

medicamentos e alimentos. Observou-se que 89% dos respondentes confiam que o isolamento reduz o número de vítimas da COVID-19.

O isolamento social e as medidas de fechamento de locais que favorecem as aglomerações, a população ficou mais restrita ao domicílio. Para 47% dos participantes, não houve agravamento ou surgimento de sintomas físicos desencadeados por esta nova condição de vida.

No entanto, 33 participantes (50%) relataram presença de sintomas, destacados em ordem decrescente, ressaltando que os participantes podiam relatar mais de um sintoma: ganho de peso (30,3% daqueles participantes que relataram sintomas decorrentes do isolamento social); dores (24,2%), principalmente na coluna lombar, coluna cervical e joelhos; cefaleia (12,1%); diminuição do condicionamento físico (12,1%). Também foram relatados sintomas como estresse, ansiedade, vestibulopatia, problemas gastrointestinais, pesadelos.

A saúde física e a saúde mental são principais pontos a serem observados nesse período de quarentena, principalmente nos idosos. Estes são particularmente suscetíveis a doenças graves e mortes, devido a um declínio relacionado à idade no sistema imunológico (KHOURY e KARAM, 2020). Observou-se no presente estudo que os efeitos deletérios do isolamento social vêm afetando também, além dos idosos, a população mais jovem e adulta, que anteriormente realizava mais atividades, sejam laborais, sociais, esportivas e de entretenimento.

As alterações de comportamento derivadas das restrições sociais geradas pela pandemia foram relatadas por 58 participantes (87,9%). Notou-se que apesar da maior prevalência de relatos de efeitos deletérios no comportamento (70,7%), observou-se que 13,8% dos participantes apontaram efeitos benéficos, ainda que, tenham reconhecido também efeitos negativos.

Conforme a opinião dos participantes, foram elencadas as seguintes alterações de comportamento, descritas em ordem decrescente, ressaltando que os participantes podiam relatar mais de um sintoma: ansiedade (24,1%), irritabilidade ou impaciência (15,5%), estresse (12%), tristeza (10,3%), oscilação de humor (8,6%), desmotivação (6,9%), além de insônia, cansaço e alterações de personalidade. Quanto aos efeitos positivos do isolamento social, foram apontados, autoconhecimento, mais tranquilidade, tolerância, organização e possibilidade de entretenimento e leitura.

Observou-se no presente estudo, a predominância de adolescentes/jovens, com idades entre 14 a 25 anos. Embora os jovens pareçam ser menos vulneráveis ao COVID-19, os efeitos colaterais da pandemia podem ser devastadores. Crianças e adolescentes podem estar altamente expostos a estressores biopsicossociais gerados pela pandemia e, uma vez que medidas de contenção da população para reduzir a disseminação do vírus sejam necessárias, eles podem ser

potencialmente afetados pela interrupção da rotina como resultado do isolamento social e de sua habilidade para conceber e compreender as consequências de curto e longo prazo desta pandemia (FIGUEIREDO et al., 2021).

Os adolescentes e jovens foram afetados de várias formas, tais como a suspensão de aulas presenciais e, em muitos casos, permanecerem com pouco ou nenhum acesso à educação, considerando que os sistemas públicos de ensino, majoritariamente, não estão preparados para atuar frente à pandemia, devido à escassez de acesso à internet para as aulas remotas (SENHORAS, 2020; VASQUES; OLIVEIRA, 2020).

Destarte, este grupo etário, especialmente jovens e adolescentes que vivem nas cidades, encontram-se em uma fase da vida em que buscam incessantemente a autonomia e a independência, e para tanto, permanecem mais tempo fora de casa, em shoppings, bares, parques, ruas; reúnem-se em grupos, encontram-se frequentemente, o que foi interrompido repentinamente, deixando-os a maior parte do tempo confinados em suas casas (FIGUEIREDO et al., 2021; SENHORAS, 2020; OLIVEIRA 2020a).

A partir da coleta, análise e interpretação dos dados, e também sob olhares de três alunas de ensino médio, pesquisadoras do presente estudo, foram produzidos vídeos sobre as condições de vida e comportamento de adolescentes/jovens, adultos e idosos antes e durante a pandemia. Foram abordados os efeitos do isolamento social sob diferentes olhares e faixas etárias. Utilizou-se programas de edição de vídeo, além de fotos e vídeos produzidos antes e durante a pandemia, bem como durante a coleta de dados. Os vídeos foram veiculados e estão disponíveis na rede social Instagram® do projeto @historias.da_pandemia.

Os vídeos retratam, por exemplo, a dificuldade das mães em conciliar as atividades laborais em sistema de home office, os cuidados básicos com os filhos e a realização de tarefas domésticas, geralmente efetuadas por outras pessoas, que deixaram de frequentar a casa. Outro vídeo retrata a frustração dos adolescentes em não poderem frequentar a escola e conviverem em grupos de amigos, participarem de atividades sociais e de entretenimento e em correrem o risco de finalizarem o ensino médio, sem terem a oportunidade de experimentarem as mazelas e as delícias desta etapa escolar.

Também são retratadas as experiências com o ensino remoto, sob o olhar de discentes e docentes, na tentativa de elaboração de estratégias metodológicas para estimular a participação de alunos, que insistem em manterem as câmeras desligadas, bem como dos discentes, em reaprenderem a organizarem tempo, maior atribuição de tarefas e dificuldades de concentração para estudarem, ou com a escassez de recursos tecnológicos, como internet de boa qualidade e equipamentos digitais para todos os membros da família.

E, completando o olhar intergeracional do presente estudo, foram realizados vídeos sobre as dificuldades enfrentadas por idosos, que anteriormente eram ativos, e praticavam diversas atividades físicas e sociais, e a partir das medidas de restrição, começaram a sofrer discriminação e acusações por indivíduos de outras faixas etárias, como se fossem propagadores da doença, ao saírem de casa para realizarem atividades essenciais, principalmente aqueles que não possuem rede de apoio social, que os substitua nestas tarefas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que vivemos um tempo sem precedentes e que os adolescentes, jovens e adultos nunca vivenciaram tal situação, há que se registrar os fatos e os efeitos deletérios advindos da pandemia, visando estudos futuros aprofundados e estabelecimento de medidas preventivas diante de eventos futuros, bem como de medidas interventivas no tratamento dos efeitos deletérios, ainda que diante do fim da pandemia e do isolamento social.

Espera-se com a presente pesquisa que os resultados possam promover reflexões sobre os efeitos deletérios e benéficos do isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 e gerar ações interventivas para acolhimento e tratamento das sequelas físicas, sociais, familiares, psíquicas e espirituais possivelmente advindas do isolamento prolongado.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, A. C. V.; SILVA, C. E. M.; SOARES, F. R. G.; SILVA, J. A. M. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25(Supl.1):2411-2421, 2020.

CASTRO, J. L.; PONTES, H. J. C. A importância dos trabalhadores da saúde no contexto COVID-19. In: **Profissionais de Saúde e Cuidados Primários. Conselho Nacional de Secretários de Saúde**. Coleção Covid-19; v.4. Brasília-DF. 346 p.; 2021.

FIGUEIREDO, C. S.; SANDRE, P. C.; PORTUGAL, L. C. L.; MAZALA-DE-OLIVEIRA, T.; CHAGAS, L. S.; RAONY, I.; FERREIRA, E. S.; GIESTAL-DE-ARAÚJO, E.; SANTOS, A. A.; BONFIM, P. O-S. COVID-19 pandemic impact on children and adolescents' mental health: Biological, environmental, and social factors. **Progress in Neuropsychopharmacology & Biological Psychiatry**. v. 106; 1-8; 2021.

JEYABALADEVAN, P.. COVID-19: an FY1 on the frontline. **Med. Educ. Online** 25(1). 2020.

KHANNA, R.C., CICINELLI, M.V., GILBERT, S.S., HONAVAR, S.G., MURTHY, G.S., 2020. COVID-19 pandemic: lessons learned and future directions. **Indian J. Ophthalmol.** 68 (5), 703e710.

NUNES, V. M. A. N. (org). **COVID-19 e o cuidado de idosos: recomendações para instituições de longa permanência**. Natal: EDUFR. 2019 Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28754>.

OLIVEIRA, V. H. N. O. Juventudes, escola e cidade na pandemia da Covid-19. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), vol. 4, n. 10, 2020a.

OLIVEIRA, V. H. N. O. “O antes, o agora e o depois”: alguns desafios para a educação básica frente à pandemia de Covid-19. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), vol. 3, n. 9, 2020b.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** (IBGE). Rio de Janeiro. IBGE. 2021.

SANTOS, S. S.; BRANDÃO, G. C. G.; ARAUJO, K. M. F. A. Social isolation: a look health elderly mental during the COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**. 2020; 9(7): 1-15, e392974244.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos. **Boletim de Conjuntura** (BOCA), vol. 2, n. 5, 2020.

SEVERO, E. A.; GUIMARÃES, J. C. F.; DELLARME LIN, M. L. Impact of the COVID-19 pandemic on environmental awareness, sustainable consumption and social responsibility: Evidence from generations in Brazil and Portugal. **Journal of Cleaner Production**, Volume 286, 1-14, 2021.

SHAHID, Z.; KALAYANAMITRA, R; MCCLAFFERTY, B.; KEPKO, D.; RAMGOBIN, D.; PATEL, R.; AGGARWAL, C. S.; VUNNAM, R.; SAHU, N.; BHATT, D.; JONES, K.; GOLAMARI, R.; JAIN, R.. COVID-19 and Older Adults: What We Know. **JAGS** 68:926-929, 2020.

SINCLAIR, A. J.; ABDELHAFIZ, A. H.. Age, frailty and diabetes–triple jeopardy for vulnerability to COVID-19 infection. **E Clinical Medicine** 22 (2020).

SPOSITO, M. E. B.; GUIMARÃES, R. B. Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia. **Portal Eletrônico da UNESP** [2020]. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/35626/por-que-a-circulacao-de-pessoas-tem-peso-na-difusao-da-pandemia>.

VASQUES, D. G.; OLIVEIRA, V. H. N. “Iniciação científica na pandemia: uma análise dos estudos remotos ao ensino fundamental”. **Interfaces Científicas – Educação**, vol. 10, n. 1, 2020.

WANG, C. et al. “A novel coronavirus outbreak of global health concern”. **The Lancet**, vol. 395 February, 2020.

World Health Organization (WHO). **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. 2020. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>